

## FACEBOOK: EMBATES DIALÓGICOS E VALORAÇÕES

Morgana Lobão dos Santos Paz

Orientadora: Profa. Dra. Marília Varella Bezerra de Faria

Universidade Federal do Rio Grande do Norte ([morganalobao@hotmail.com](mailto:morganalobao@hotmail.com))

A contemporaneidade se mostra fluida (BAUMAN, 2001), uma vez que o tempo e o espaço se mostram marcados pela dinamicidade e pelo movimento incessante. A quebra dos sólidos, das verdades inabaláveis, dos discursos engessados e das instituições impenetráveis, tem nos lançado para a investigação de práticas discursivas que se dão em esferas que demandam a construção de conhecimento a fim de se compreender o sujeito que se gesta nessa contemporaneidade fluida. As redes sociais, especificamente o Facebook, estão no cotidiano das pessoas, como espaços sócio-discursivos que ampliam/potencializam/amplificam e promovem o surgimento de vários gêneros discursivos e suportes de texto. As novas interações construídas e constituídas pela/na internet geram novas relações sociais, novos padrões de relacionamento com o outro e com o mundo, posicionamentos ideológicos situados axiologicamente. Este trabalho objetiva analisar os posicionamentos que foram/são construídos pelos sujeitos, na rede social em questão, e como se constituem, discursivamente, as polêmicas abertas encontradas no *corpus* de análise. O recorte se dará temporalmente, delimitando-se um período de postagens que recobre o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, desde a sua admissibilidade até a sua conclusão, nas páginas *Verdade sem manipulação* e *Movimento Endireita Brasil*. Para analisar esse corpus, recorre-se ao aporte teórico de Círculo de Bakhtin<sup>1</sup> (1993, 2016) no que diz respeito às concepções de linguagem constitutivamente dialógica, de polêmicas abertas e veladas, de embate dialógico; no que concerne à modernidade líquida, recorre-se às postulações de Bauman (2001) e de cultura da conexão de Jenkins (2014). Para os limites deste artigo, abordaremos, apenas, a polêmica aberta no *corpus* de nossa investigação. A construção dos dados, em andamento na investigação, dá-se a partir do enfoque da pesquisa qualitativo-interpretativista, lançando mão da interpretação dos índices linguístico/discursivos, a partir do paradigma indiciário de Ginsburg (1990).

Palavras-chave: Práticas discursivas, Facebook, Posicionamento ideológico, Polêmica aberta.

---

<sup>1</sup> Denomina-se Círculo de Bakhtin um grupo de pensadores advindos de áreas diversas (Literatura, Jornalismo, Linguagem, Ciências Naturais, Música, dentre outras). Participavam dele M. Bakhtin, Volochinóv, Medviédiev, Lev Pumpianski, Matvei Kagan, Maria Iúdina e Ivan Solertinski. Imputa-se a esse grupo a discussão e a publicação de textos que tinham como centralidade questões atinentes à linguagem, ao sujeito e aos modos de funcionamento dialógico e ideológico da palavra em diferentes esferas.

## INTRODUÇÃO

A contemporaneidade se apresenta, conforme Bauman (2001), fluida em que o tempo e o espaço se apresentam marcados pela dinamicidade e pelo movimento incessante. A quebra dos sólidos, das verdades inabaláveis, dos discursos engessados e das instituições impenetráveis, tem nos lançado para a investigação de práticas discursivas que se dão em esferas que demandam a construção de conhecimento a fim de se compreender o sujeito que se gesta nessa contemporaneidade fluida. Conforme Bauman (2001, p. 12),

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. (BAUMAN, 2001, p.12).

É inegável que as redes sociais, especificamente o Facebook, estão no cotidiano das pessoas, como espaço sócio-discursivo (ARAÚJO, 2007) que amplia/potencializa/amplifica e promove o surgimento de vários gêneros discursivos e suportes de texto. Para Araújo (2007), a internet integra milhares de redes eletrônicas que, ao se integrarem, criam uma comunicação verbal que se espalha por todo o planeta. Nosso trabalho, trata-se, portanto, de uma pesquisa de caráter responsivo às demandas de sistematizar e de construir conhecimento sobre as práticas de linguagem que se dão nesse espaço sócio-discursivo. As novas interações construídas e constituídas pela/na internet geram novas relações sociais, novos padrões de relacionamento com o outro e com o mundo, posicionamentos ideológicos e valorados situados axiologicamente. Tal perspectiva pode ser confirmada pela visão de que

[...] qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles, não existe enunciado não-ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica) (FARACO, 2006, p. 46).

Com outra visão sobre tecnologia e o virtual na contemporaneidade, Lévy (1996) afirma que a cultura virtual formata uma nova realidade social. Nesse sentido, essas novas interações favorecem, para além dos meios institucionalmente construídos para esse fim, a organização de pessoas e de grupos por afinidades. Para Jenkins (2014), as decisões que cada um de nós toma quanto a passar adiante ou não textos de mídia estão remodelando o próprio cenário da mídia. Ele afirma, ainda, que “[...] estão fazendo isso não como indivíduos isolados mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica (JENKINS, 2014, p. 24).

Nessa propagação de conteúdos, há uma inversão de paradigmas, considerando que, por vezes, o que está na rede é tido como verdade se sobrepondo, muitas vezes, ao mundo não-virtual. De modo que os julgamentos, cuja condenação/absolvição que antes eram atribuídas unicamente aos tribunais e cortes e se davam após os trâmites legais (ritos), atualmente, ocorrem em um novo tribunal, as redes sociais, o que mudou a face do julgamento público: círculos de ódio coletivo demonizam, insultam, humilham com proporções devastadoras. “A justiça foi democratizada” e a maioria, antes silenciosa, ganhou voz. E essas vozes, impiedosamente, buscam as falhas alheias. Tem-se utilizado a humilhação pública nas redes sociais como forma de controle social (RONSON, 2015).

Nessa cultura conectada em rede, não podemos identificar uma causa isolada que leva as pessoas a propagar informações. As pessoas tomam uma série de decisões de base social quando escolhe difundir algum texto na mídia: vale a pena se engajar nesse conteúdo? Vale a pena compartilhar? É de interesse para algumas pessoas específicas? Comunica algo sobre mim ou sobre meu relacionamento com essas pessoas? Qual é a melhor plataforma para espalhar essa informação? Será que deve circular com uma mensagem especial anexada? (JENKINS, 2014, P. 37)

É possível, então, afirmar que há embates dialógicos (Bakhtin, 2015) nas redes sociais. O atual momento político e social do Brasil dá visibilidade ao acirramento e à polarização de pontos de vista que têm nos mostrado uma outra face da nação que foi sempre apresentada como “pacífica” e “tolerante” com as diferenças e singularidades, uma vez que se constituiu com as diferentes mestiçagens e etnias o que poderia garantir, segundo uma visão de senso comum, a convivência e o respeito às diferenças, às singularidades das diversas identidades do sujeito na contemporaneidade. Sobre a experiência e o excesso de opinião, Larossa (2002) aponta que a modernidade dá ensejo a um equívoco entre opinião e informação, como se vê no fragmento abaixo reproduzido:

Em segundo lugar, a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (LAROSSA, 2002, p. 22).

Tais polarizações e confrontos discursivos têm ganhado visibilidade nas redes sociais, uma vez que os sujeitos postam, publicam, comentam e o que antes era discutido na esfera privada ou em pequenos grupos ganha dimensão pública e se propaga com a velocidade e rapidez inerentes à rede para além da vizinhança geográfica (JENKNIS, 2015). Tais práticas discursivas sinalizam o movimento na direção de modelo mais participativo de cultura em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens, mas como pessoas que estão moldando compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdo de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes.

Tais embates e valorações podem ser observados nas páginas *Verdade sem manipulação* e *Movimento Endireita Brasil*. Assim, nos propomos a investigar, com base nos pressupostos de Ba Círculo de Bakhtin e teóricos, aqui já apontados e outros que tenham se voltado para as práticas

discursivas nas redes sociais, essas duas comunidades. Para tanto, este artigo (que é um recorte de uma pesquisa maior), tem como objetivo analisar, considerando-se que os sujeitos constroem posicionamentos e valorações acerca do atual momento político nas páginas *Verdade sem manipulação* e *Movimento Endireita Brasil*, como se constituem dialogicamente esses posicionamentos e como se configuram, discursivamente, as polêmicas abertas nessas duas comunidades.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dado que já apresentamos a concepção de linguagem que fundamenta essa pesquisa, a visão de cultura da conexão a partir de Jenkins (2015) e de virtual com Lévy (1997), enfocaremos, de forma sucinta, dada a configuração do artigo, as noções de polêmica velada e aberta, de posicionamento, de voz social e de gêneros discursivos, conforme os concebe o Círculo de Bakhtin.

Para esse pensador, o embate discursivo se dá entre vozes dissonantes como polêmicas discursivas. Para ele, há dois tipos de polêmicas discursivas: a polêmica velada e a polêmica aberta. Na primeira, o discurso do outro é refratado de maneira implícita, pois o objeto do discurso do eu não é a voz refratada, mas outra voz que nos faz perceber, por meio das escolhas composicionais, que ela também está sendo refutada, muitas vezes mais do que a voz que pode ser percebida como objeto do discurso do eu. A polêmica aberta, ao contrário, pode ser representada por um discurso que faz do discurso do outro o seu objeto e o refuta abertamente.

Desse modo, em cada momento de sua existência histórica a língua é inteiramente heterodiscursiva: é uma coexistência concreta de contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicos do presente, entre correntes, escolas, círculos, etc. (BAKHTIN, 2015, p.66).

Essa perspectiva bakhtiniana de considerar a língua/linguagem como constitutivamente heterodiscursiva leva em consideração as diferentes vozes sociais (advindas dos diferentes grupos, comunidades, instituições) e pontos de vista específicos sobre o mundo dando ensejo a uma arena discursiva na qual tais vozes sociais podem “[...] ser confrontadas, podem complementar umas às

outras, podem contradizer umas às outras, podem ser correlacionadas dialogicamente” (BAKHTIN, 2015, p.67).

É nessa arena discursiva que o embate dialógico se dá, uma vez que os sujeitos, a partir dos seus horizontes apreciativos, de sua visão de mundo, de sua ideologia, refratam o outro, os fatos, os acontecimentos, as ideias e tudo o que se apresentar para esses sujeitos será valorado sob determinado ponto de vista. Dessa forma, para Circulo de Bakhtin o ponto de vista será sempre ideológico e posicionado, uma vez que o sujeito sempre fala de um lugar no mundo e interpreta/refrata os fatos na relação dialógica constituída entre a sua palavra e a do outro.

Se assumimos que a linguagem é interação, é construção social, posto está que o sujeito troca na vida enunciados plenos e concretos e não frases gramaticais abstratas, destituídas de historicidade. Esses enunciados ao ganharem uma relativa estabilidade configuram-se como gêneros discursivos são mediadores das interações nas diferentes esferas da atividade humana.

Para Bakhtin (2016) cada campo da atividade humana elabora um repertório dos gêneros do discurso que cresce e se diferencia à medida que esse campo se desenvolve e se complexifica. Retirada da esfera literária, a concepção de gênero discursivo bakhtiniano abarca todos os enunciados produzidos nas mais diferentes esferas da atuação humana (do cotidiano, religiosa, acadêmica, escolar, política, publicitária, científica, etc.).

De acordo com Rojo (2013), as práticas de linguagem são sempre situadas e se definem pelo funcionamento de suas esferas ou campos de circulação dos discursos. Elas são situadas historicamente, variando de acordo com o tempo histórico e as culturas locais. O funcionamento dessas esferas define os participantes possíveis da enunciação, assim como as possibilidades de relações sociais, definindo, também, o leque de conteúdo temáticos possíveis no funcionamento de uma esfera (não se fala de qualquer coisa em qualquer lugar).

Isso porque os gêneros apresentam conteúdo temático, estilo e construção composicional. Assim,

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação (BAKHTIN, 2016, p.12).

Dito isso, é possível afirmar que os gêneros discursivos não são formas linguísticas abstratas ou tipos textuais, já que não são produtos alheios à dinamicidade, à historicidade, à plasticidade da vida. Não há relações dialógicas entre formas gramaticais, mas apenas entre enunciados, entre palavras plenas. Dessa forma, nossa opção por investigar os embates dialógicos somente logrará êxito se considerarmos os enunciados configurados em gêneros discursivos.

Portanto, os gêneros serão considerados, aqui, bakhtinianamente, como correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Logo, a articulação entre esses dispositivos de cultura (CASADO ALVES, 2016) e as concepções de embate dialógico, polêmica aberta, polêmica velada, posicionamento e vozes sociais, possibilita construir conhecimento mais sistematizado sobre essas práticas de linguagem que se dão na arena discursiva do Facebook.

### **3 METODOLOGIA**

Assumimos, neste artigo, que conceber a linguagem como histórica e situada, constituinte e constituída por sujeitos, tem como decorrência também conceber que as atividades de linguagem são mantidas e nutridas por enunciados plenos, concretos, históricos, situados e marcados pela dialogicidade que os caracteriza como elos na cadeia discursiva, uma vez que

qualquer resenha da história de alguma questão científica (independente ou incluída no trabalho científico sobre uma determinada questão) realiza confrontos dialógicos (entre enunciados, opiniões, pontos de vista) entre enunciados de cientistas que não sabiam nem podiam saber nada uns sobre os outros (BAKHTIN, 2003, p. 331).

Admitimos, também, que o olhar do pesquisador para os textos, para as práticas de linguagem nos processos interativos e intersubjetivos, a partir da concepção bakhtiniana de enunciado concreto, amplia a potência de suas lentes (MOITA LOPES, 2015) de análise, pois a partir dela e com ela, terá possibilidade de compreender a linguagem em processo e seu funcionamento no mundo da vida. Essa pesquisa se orienta pela perspectiva de Moita Lopes que afirma:

O projeto que vejo como parte de uma agenda ética de investigação para a LA envolve crucialmente um processo de renarração ou redescrição da vida social como se apresenta, o que está diretamente relacionado à necessidade de compreendê-la (MOITA LOPES, 2006, p. 90).

Assim, essa investigação se propõe a fazer parte dessa agenda, uma vez que se volta para reparar, redescrever práticas discursivas que possibilitam compreender o momento político atual, os posicionamentos de sujeitos nas redes sociais, especificamente, o Facebook como espaço sócio-discursivo que demanda investigação e pesquisa, uma vez que faz parte da vida contemporânea de forma massificante.

A questão é: não se trata de qualquer problema - definido teoricamente -, mas de **problemas com relevância social** suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam **ganhos a práticas sociais** e a seus participantes, no sentido de uma **melhor qualidade de vida**, num sentido ecológico (ROJO, 2006, p. 95. Grifos da autora).

A pesquisa se orienta por uma abordagem qualitativa dos dados, considerando-se que os sujeitos se constroem discursivamente e que interessa à Linguística Aplicada (LA) construir inteligibilidade sobre práticas discursivas que se dão em esferas diversas da atividade humana.

A construção dos dados se dá a partir do enfoque de uma pesquisa qualitativa-interpretativista, lançando mão da interpretação dos índices discursivos, a partir do paradigma indiciário de Ginsburg (1990), que denunciam (escolhas lexicais, enquadramento do discurso alheio, imagens) os posicionamentos, o axiológico e a visão de mundo dos sujeitos. O recorte se dá temporalmente, delimitando-se a um período de postagens que recobre o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff nas páginas *Verdade sem manipulação* e *Movimento Endireita Brasil*.

Contudo, atendendo as especificidades do gênero artigo e considerando sua limitação, nos restringiremos a analisar, apenas, uma amostragem do corpus, especificamente, dois enunciados.

Figura 1: *print* de uma publicação da página *Verdade Sem Manipulação*



Fonte: <https://www.facebook.com/VerdadeSemManipulacao/>. Acesso em: 22.mai.2017

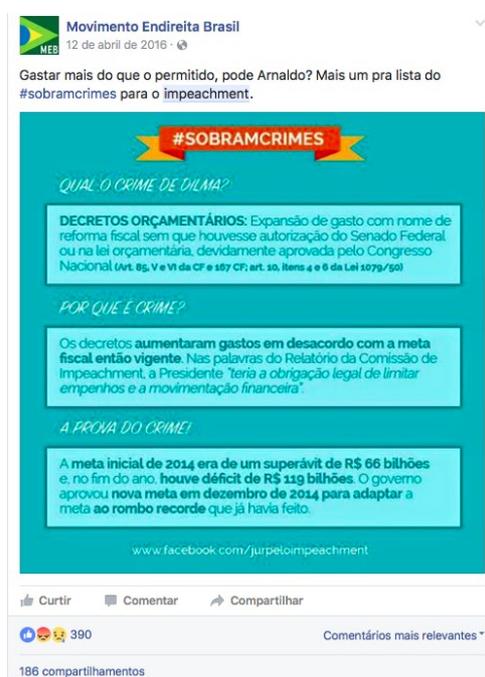
A página *Verdade sem manipulação* iniciou no Facebook em junho de 2013. A página afirma que possui o objetivo de esclarecer boatos e mostrar a outra visão de fatos que polemizam os meios de comunicação. Atualmente, registram-se 592.519 curtidas, 589.266 seguidores e cerca de 438.231 usuários falando sobre ela no Facebook.

Antes de analisarmos o enunciado, em questão, faz-se importante analisar o nome escolhido para a página, no caso, *Verdade sem manipulação*. Como é sabido, A palavra “verdade”, se a colocarmos em oposição à mentira ou a tudo que representa aquilo que não condiz com a realidade, é carregada de valor positivo. Dado isso, ao adicionar o complemento “sem manipulação” o enunciado se carrega de sentido, de entoação que confirma haver “verdade” isenta de qualquer refração, valor ideológico ou claramente neutra. Sabendo-se que a concepção de linguagem adotada neste trabalho não admite a neutralidade da palavra, uma vez que, para o Círculo de Bakhtin, ela se carrega de valor no uso e como signo ideológico necessariamente reflete e refrata a realidade, tal nomeação da página já nos parece impostura ou um paradoxo.

O enunciado, cuja data é de 31 de março de 2016, constitui o período da pré-admissibilidade do impeachment pela Câmara dos Deputados. Nesse período, houve vários embates e polemizações acerca de sua legalidade: uns afirmavam que o impeachment tinha base legal; outros afirmavam que

o impeachment, na verdade, era um golpe. Ao pôr o enunciado sob nossas lentes, é possível depreender seu posicionamento sobre a polêmica em questão. A página *Verdade sem manipulação* revozea que impeachment sem crime de responsabilidade é golpe ao compartilhar a publicação da página do jornal 247, dando um novo enquadramento à voz que diz: “Globo perdeu batalha da comunicação: é golpe”. Ao fazer isso, cria-se um novo fundo dialógico, atendendo a uma finalidade explícita de favorecer o embate dialógico ancorado em uma polêmica aberta.

Figura 2: print de uma publicação da página *Movimento Endireita Brasil*



Fonte: <https://www.facebook.com/endireitabrasil/>. Acesso em 22.mai.2017

A página *Movimento Endireita Brasil* iniciou no Facebook em junho de 2009. A página afirma ter como missão identificar e apoiar pessoas e ideias, que possam transformar o cenário político brasileiro em um ambiente onde a estrita observância da moral e da ética seja regra e não exceção, dentro de um Estado Democrático de Direito. Até a data de acesso, possuía 670.533 curtidas, 653.163 seguidores e cerca de 297.767 usuários falando sobre ela no Facebook.

Ao atentarmos para o título da página *Movimento Endireita Brasil*, é possível perceber já de início, ao contrário da página *Verdade Sem Manipulação*, o posicionamento político adotado pela página, tendo em vista, que no seu título consta a palavra “Endireita” que por sua vez deriva da

palavra direita que, no Brasil, representa, em alguns momentos, aqueles que estão alinhados com quem estava, na época, tentando reaver o comando do país. Mais especificamente, representa aqueles que faziam/fazem oposição ao governo do PT. Um outro sentido para o termo “Endireita” é o que remete a um pressuposto de que o país não estava/está em situação adequada ou de acordo com aquilo que se considerava/considera “direito”, uma vez que a injunção presente em “Endireita Brasil” dá visibilidade a um comando imperativo para uma mudança de atitude.

O enunciado, cuja data é de 12 de abril de 2016, assim como o enunciado analisado anteriormente, constitui o período da pré-admissibilidade do impeachment pela Câmara dos Deputados. Ao analisá-lo fica evidente o posicionamento da página sobre a polêmica em questão. O enunciado analisado, polemiza, abertamente, sobre a legalidade do possível impeachment ao compartilhar a publicação inerente à comunidade “Juristas Pelo Impeachment”, dando um novo enquadramento à voz que diz que “sobram crimes”. Esse novo fundo dialógico atende a uma finalidade explícita de refutar o enunciado anteriormente analisado em uma visível polêmica aberta. Faz-se importante observar o fato de o enunciado ser posterior à publicação do enunciado encontrado na página *Verdade Sem Manipulação*. Para isso, o post apresenta um dos possíveis crimes de responsabilidade (decretos orçamentários) que pode ter sido cometido pela, até então, presidente Dilma Rousseff; se valendo de uma macroestrutura prototípica explicativa (pergunta-resposta) na qual, além de tentar explicar por que é considerado crime, apresenta a suposta prova do crime com dados numéricos.

## CONCLUSÕES

Após fazer a leitura do corpus sob as lentes dos postulados teóricos que adotamos nesse artigo é possível afirmar, que há no Facebook, especificamente nas páginas *Verdade sem manipulação* e *Movimento Endireita Brasil*, embates dialógicos constituídos por posicionamentos ideológicos, tendo em vista que há, no mínimo, dois centros de valores, pois as páginas analisadas neste artigo, são alimentadas/geridas por sujeitos situados sócio-historicamente e que, como pudemos observar, possuem posicionamentos divergentes em relação à legitimidade do impeachment da presidente Dilma Rousseff. Tais posicionamentos, manifestados nos enunciados

analisados, constituem uma polêmica aberta conforme os pressupostos teóricos adotados pelo Círculo de Bakhtin.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Para uma Filosofia do Ato: válido e inserido no contexto". In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: Polifonia e Dialogismo**. SP: Contexto, 2009.

ARAÚJO, J. C. (Org.). **Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CASADO ALVES, M.P. **O gênero discursivo intercalado como dispositivo da cultura**. No prelo. BAKHTIN, M. **Para uma Filosofia do Ato**. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tezza. 1993.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2016.

\_\_\_\_\_. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Ed. 34, 2015.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5ª ed., Rio de Janeiro, forense universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. (VOLOSHINOV, V. N.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba/PR: Criar Edições, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. SP, Cia das Letras, 1990.

JENKINS, H. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

Lévy, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1997.

LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, n. 19.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. Parábola, 2006.

ROJO, R. (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as Tics**. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_; Nascimento, E. L. (Org.). **Gêneros de texto/discurso: e os desafios da contemporaneidade**. Campinas/SP: Pontes, 2016.

RONSON, J. **Humilhado: como a era da internet mudou o julgamento público**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2015.

**Verdade sem Manipulação**. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/VerdadeSemManipulacao/?fref=ts>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

**Endireita Brasil**. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/endireitabrasil/?fref=ts>>. Acesso em: 22 mai. 2017.